

A TRANSITIVIDADE DOS PROCESSOS VERBAIS *DIZER* E *AFIRMAR* EM ARTIGOS CIENTÍFICOS DE GRADUANDOS EM LETRAS

Rebeca Fernandes Penha¹

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: Este artigo tem como objetivo principal apresentar uma análise dos Processos *afirmar* e *dizer* em artigos científicos publicados na revista *Ao pé da letra*. Nossa pesquisa fundamentou-se na Linguística Sistêmico-Funcional e na sua concepção da língua como atividade social. Observamos esses Processos e a sua relação com os participantes da oração, sendo esses participantes, o Dizente e a Verbiagem. Para a localização dos Processos, nos artigos, utilizamos o *software Wordsmith Tools*. Os resultados obtidos nos possibilitam perceber que os Processos Verbais analisados são, nos artigos escritos por alunos de Letras, corresponsáveis na construção da argumentação do artigo científico.

Palavras-chave: Linguística Sistêmico-Funcional; Artigos científicos; Processos Verbais.

Abstract: The main objective of this article is to present an analysis of the Processes “*afirmar*” and “*dizer*” in scientific articles published by the periodical “*Ao pé da letra*.”. Our research was based on Systemic-Functional Linguistics and its conception of language as a social activity. We highlighted these Processes and their relation to the participants of the sentence, which are Sayer and Verbiage. To locate the Processes, we used the *Wordsmith Tools* software. The results help us notice that the Verbal Processes analyzed, in articles written by language students, are co-responsible in building argumentation for scientific articles.

Key-words: Systemic Functional Linguistics, scientific articles, Verbal Processes.

1. Graduanda em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Trabalho oriundo de projeto de pesquisa de Iniciação científica, 2010/2011: *A transitividade dos verbos do dizer em artigos acadêmicos* - CNPq/UFPE, sob orientação da Profa. Medianeira Souza.

Introdução

Pretendemos neste trabalho apresentar uma análise dos Processos Verbais Dizer e Afimar e seus respectivos participantes, Dizente e Verbiagem, em artigos científicos, escritos por alunos da graduação em Letras de todo o Brasil e publicados na revista *Ao Pé da Letra*, em seus volumes: 1; 2; 3.1 e 3.2. Tal revista é uma publicação do Departamento de Letras, da Universidade Federal de Pernambuco.

Com essa investigação, nos propomos a contribuir com os estudos sobre descrição e análise do português, sob a ótica da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), com ênfase no funcionamento dos Processos Verbais em artigos acadêmicos. Nesses Processos temos a representação do dizer que materializa as vozes externas que corroboram teses, ideias e pensamentos. A análise desses Processos nos permitirá compreender como os graduandos em Letras se apropriam desse recurso argumentativo para construir seus artigos.

Para realização da análise, como já foi afirmado, apoiamo-nos na LSF, desenvolvida por Halliday e seus seguidores. Essa abordagem compreende a língua como uma atividade social, avaliando seus contextos de uso (HALLIDAY, 1970, apud GOUVEIA, 2007) e compreende também que os estudos das formas linguísticas devem estar em conformidade com suas funções, em situações reais de comunicação. Para seleção dos dados para análise, ou seja, os Processos Verbais usados pelos graduandos, utilizamos o *software Wordsmith Tools*, que localizou esses Processos nos artigos científicos. Com a aplicação desse *software*, ficou patente à presença dos processos Dizer e Afimar em artigos acadêmicos. E, o uso desse aplicativo, nos forneceu o material que analisamos e apresentamos nesse artigo.

Fundamentação teórica

Para chegar à efetivação dos nossos objetivos, realizamos leituras e discussões sobre a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF)², a qual ora apresentamos resumidamente. Essa teoria compreende a língua como um sistema de escolhas, no qual os falantes escolhem determinadas palavras em detrimento de outras. Tais escolhas geram outras escolhas e com todas essas se gerará uma significação: uma rede de sentidos. E, assim, a LSF analisa a linguagem tendo em vista sua função, porque ela organiza-se de uma maneira e não de outra, tendo sempre como objeto a língua em situação de uso. Como afirmam Barbara e Macêdo (2009, p.90):

Seu foco está em entender como se dá a comunicação entre os homens, a relação entre indivíduos e desses com a comunidade. [...] Procura desvendar como, onde, porque e para que o homem usa a língua, bem como a linguagem em geral, e como a sociedade o faz.

Nessa perspectiva, a LSF procura compreender a língua sempre a partir de sua função na sociedade. Essa função está intrinsecamente ligada à cultura do falante. O uso da linguagem realiza-se dentro de dois contextos, um englobando o outro. São os Contextos de Cultura e de Situação. O primeiro “é a soma de todos os significados possíveis de fazer sentido dentro de uma cultura particular” (FURTADO DA CUNHA e SOUZA, 2007, p.21), enquanto que o segundo é um contexto mais específico, no qual o significado se dá mediante a relação entre os termos componentes de um cenário e a linguagem utilizada por falantes e ouvintes.

2. Para a apresentação da teoria baseamo-nos e parafraseamos os autores Halliday e Matthiessen (2004), Furtado da Cunha e Souza (2007), Gouveia (2009) e Bárbara e Macêdo (2009).

Pensando sobre os artigos científico e suas publicações na Revista *Ao pé da letra*, teríamos como Contexto de Cultura todas as produções acadêmicas, independente do gênero a que pertencessem e do grau de instrução dos alunos, isto é, independente do fato de os autores serem professores ou alunos e estes serem graduandos, mestrandos ou doutorandos. É um contexto mais amplo de publicações que circundam o meio acadêmico. Quanto ao Contexto de Situação, poderíamos dizer que esse compreende os periódicos destinados as publicações dos alunos de graduação e, nesse caso, resume-se aos artigos científicos por eles serem escritos nesse entorno imediato.

Dentro do Contexto de Situação é possível delimitar três aspectos que são responsáveis por distinguir os diferentes gêneros utilizados pelos usuários: *campo*, *relação* e *modo*. O *campo* diz respeito ao que está acontecendo, ao assunto tratado pelos usuários e à natureza da ação que está sendo realizada; no caso dos artigos científicos, o *campo* refere-se ao assunto específico no qual o artigo foi produzido, pois faz parte da cultura da universidade publicações dos trabalhos de alunos e professores em formato de artigo científico sobre conteúdos da ciência da linguagem nas suas diferentes áreas. A *relação* diz respeito à conexão estabelecida entre os falantes, os papéis por eles assumidos, e desses com o que está sendo realizado. No contexto dos artigos científicos, podemos dizer que a *relação* corresponde às diferentes pessoas envolvidas no processo de escritura e publicação do artigo; podemos pensar que se estabelece, por exemplo, uma relação entre o aluno que escreve e o professor que o orienta. Esse professor está em condições de orientar o aluno, pois detém mais conhecimento sobre o assunto abordado, e, por isso, encontra-se em posição “superior” em relação ao educando. Podemos pensar, ainda, em diversas outras relações, como entre o aluno que escreve e os professores que avaliam o artigo, entre esses e as pessoas responsáveis por publicar este artigo, entre outras. O *modo*, por sua vez, relaciona-se à maneira como se dá

a interação, ao canal que está sendo utilizado, ao texto compartilhado entre esses usuários, que pode ser falado, escrito ou resultado da interação entre ambos. Podemos dizer, tratando-se, ainda, dos artigos científicos publicados na Revista *Ao pé da letra*, que o *modo* que a interação é estabelecida entre os leitores e o texto é através da língua escrita. Os alunos, ao escreverem esses artigos, utilizam uma linguagem formal, tendo por base a gramática normativa da língua. Vale dizer que tanto os contextos acima apresentados, como o *campo*, *relação* e *modo* estão em um nível extralinguístico, ou seja, são categorias abstratas que são materializadas na e pela linguagem.

Seguindo esse raciocínio, esses aspectos relacionam-se diretamente com as funções que a linguagem desempenha, pois, para a LSF, a linguagem organiza-se mediante a inter-relação de três funções fundamentais: a *metafunção ideacional*, que serve para representarmos nossas experiências no mundo, seja ele real ou imaginário, por meio do sistema de transitividade; a *metafunção interpessoal*, que serve para estabelecermos e mantermos interações sociais, mediante o sistema de modo e modalidade; e a *metafunção textual*, que serve para expressarmos informações em um todo linear e coerente, por meio do sistema temático, no qual o falante escolhe os componentes que serão tema ou rema, e dado ou novo em sua mensagem. Nesse artigo, por termos como intenção estudar a transitividade dos Processos Verbais, nos deteremos a *metafunção ideacional*.

A transitividade é a categoria léxico-gramatical que representa as ideias de nossas experiências humanas e está, então, relacionada à *metafunção ideacional*. A transitividade, defendida pela LSF, está presente na totalidade da oração e não apenas no verbo, originando-se nos elementos que a compõem: Processos, Participantes e Circunstâncias. A LSF se refere ao sistema de transitividade como a categoria da léxico-gramática que:

permite identificar as ações e atividades humanas que estão sendo expressas no discurso e que realidade está sendo tratada, essa

identificação se dá através dos principais papéis da transitividade: *Processos, participantes e circunstâncias*, que permitem analisar *quem faz o quê, a quem e em que circunstâncias* (FURTADO DA CUNHA e SOUZA, 2007, p.53) [grifos das autoras].

Esse sistema possui um conjunto de diferentes tipos de orações com diferentes modos de transitividades, como podemos ver através dos diferentes Processos elencados e exemplificados a seguir, com dados de nosso *corpus*, ou seja com exemplos retirados dos artigos científicos.

Os Processos Materiais representam as ações de um Ator (participante que exerce alguma atividade); são Processos de *fazer algo* e geralmente são responsáveis por mudanças no mundo exterior, as quais acontecem através de atividades concretas ou com caráter abstrato. No exemplo que segue, temos como participante Ator os autores do artigo científico, representados pelo pronome *nós*, implícito na conjugação verbal. E, como participante Meta o levantamento das palavras que os alunos não conheciam.

Exemplo 01

Quanto à compreensão do vocabulário do texto, consideramos conveniente fazer um levantamento das palavras até então desconhecidas pelos alunos [...]. (Art. 35 - Vol. 02)

Os Processos Mentais exprimem as atividades do mundo interior, *pensar, sentir, ver* etc. Neles há dois Participantes: o Experienciador, que vivencia o pensar, sentir, ver, entre outros; e, o Participante Fenômeno, aquilo que é pensado, sentido, visto. Podemos observar esse tipo de Processo na oração abaixo que se apresentou na conclusão de um artigo científico. Podemos perceber que o uso do Processo Mental contribuiu para mostrar, aos leitores do artigo em questão, uma das conclusões

obtidas por seus autores que, certamente, foi construída não apenas no final desse artigo, mas durante toda a sua elaboração. Nele, os autores (Experienciador), a partir da análise dos papéis de um professor e de um aluno na sala de aula chegam a uma dada compreensão ou descobrimento (Fenômeno).

Exemplo 02

Quanto aos papéis de professor e de aluno, *compreendemos* ou *descobrimos* que não houve limites impostos, pois a aprendizagem foi recíproca [...]. (Art. 61 - Vol. 3.1).

Os Processos Relacionais representam a noção de *ser* e *estar* e relacionam, como o próprio nome diz, duas entidades, atribuindo uma à outra identificações, classificações do mundo, e, a partir dessa atribuição, identifica-se ou classifica-se uma dessas entidades. Geralmente, esses Processos constituem-se de “duas partes, isto é, de algo que se diz que é outra coisa qualquer, assim relacionando duas entidades separadas” (GOUVEIA, 2009, p. 32), como no exemplo 03, em que, ao termo *ontem* (Portador) é dada uma atribuição (Atributo): ele é “marcado na conversação pela forma indefinida *antigamente*”, apresentando um aspecto que foi observado pelo autor do artigo na análise de seu *corpus*.

Exemplo 03

O *ontem* é marcado temporalmente na conversação pela forma indefinida “*antigamente*”, já o presente é representado pelo marcador temporal “*hoje*”. (Art. 63 - Vol. 3.1).

Os Processos Verbais, nos quais se detém a nossa pesquisa, são os Processos do *dizer*, do *comunicar*, do *apontar* algo. Eles possuem três participantes: Dizente, aquele que diz alguma coisa; Verbiagem, aquilo que

é dito; e Receptor, participante opcional para qual o Processo se dirige. Podemos observar esse Processo no exemplo 04, no qual o autor do artigo (Dizente), depois de retomar algo que foi explicado anteriormente, através da expressão *dessa forma*, afirma a compreensão que teve de algo (Verbiagem). Podemos ver também, no exemplo 05, que o processo *afirmar* serve para expor, através de uma citação indireta, uma afirmação feita (Verbiagem) por Marcuschi (Dizente) que servirá de base para todo o artigo.

Exemplo 04

Dessa forma, podemos *afirmar* que a presença da metalinguagem, também nesse gênero, tem uma função argumentativa. (Art. 06 - Vol. 01)

Exemplo 05

Ao estudarmos, neste trabalho, a carta, estamos comungando com a mesma idéia apresentada por Marcuschi (2000:14), quando *afirma* que as distinções (dos gêneros) não seriam predominantemente lingüísticas e sim funcionais e pragmáticas. (Art. 68 - vol. 3.2)

Os Processos Existenciais, que são responsáveis por registrar a *existência* de algo, possuem um único participante, o Existente. O exemplo seguinte mostra isso quando revela a existência (Existente) de uma ligação entre a palavra e a relação do homem com o outro.

Exemplo 06

Agora Lucius depara-se com este jogo da linguagem, deixando transparecer, então, a ligação que *existe* entre a palavra e a relação do homem com o outro: o gozo do outro. (Art. 84 - Vol. 3.2)

E, por fim, os Processos Comportamentais representam as atividades do comportamento psicológico e fisiológico humano. São Processos

como *sonhar*, *rir*. No exemplo que se segue, apresenta-se a descrição do comportamento de um bebê que servirá como objeto de análise no artigo em questão. Nele temos o Processo comportamental *olhar* e o bebê, que é o participante Comportante.

Exemplo 07

Nessa mesma situação, a mãe tenta chamar a atenção do bebê nomeando e apontando para o objeto (“carro”), enquanto o bebê apenas *olha* para o objeto. (Art.73 - Vol. 3.2)

Com os exemplos mostrados, pudemos perceber as diferentes formas que a transitividade pode apresentar-se nos textos, contribuindo não apenas para a oração em questão, mas para toda a construção da argumentação, aqui se reportando ao artigo acadêmico. Outro aspecto que pudemos observar foi a importância de todos os componentes na construção da oração, como foi visto nos exemplos acima, em que cada tipo de Processo possui seus próprios Participantes, mostrando que a transitividade não pode ser vista como um fenômeno léxico-gramatical que se realiza de uma mesma forma, mas que, de acordo com a função que desempenha pode construir diferentes sentidos.

Metodologia

Para a efetivação da pesquisa executamos etapas, como: revisão da literatura; coleta dos dados para constituição do *corpus* de análise; aplicação do *software WordSmith* para localização dos Processos Verbais; quantificação dos dados; análise lexicogramatical e semântico-funcional; e interpretação dos resultados.

Para a constituição do *corpus*, coletamos os artigos científicos correspondentes a nossa fonte de pesquisa, ou seja, os artigos publicados

no volume 01, 02, 3.1 e 3.2, no site da revista *Ao pé da letra* (<http://www.revistaopeda letra.net/>). Neste site, esses artigos estavam disponibilizados no formato *Portable Document Format* (PDF) e todos foram convertidos ao formato *txt.*, pelo fato de ser essa a extensão necessária para a aplicação do *software WordSmith Tools*, programa sobre o qual falaremos posteriormente.

Para a análise das orações que constituíam nosso *corpus*, selecionamos os participantes das orações – Dizente, Processo, Verbiagem – e o discurso utilizado em diversas categorias. Assim, os Dizentes foram classificados em quatro grupos: (i) *grupo nominal*, quando o Dizente era representado por um sintagma nominal: nome próprio, substantivo etc.; (ii) *grupo pronominal*, quando o Dizente era representado por pronomes explícitos na construção do texto; (iii) *sujeito desinencial*, quando o Dizente era representado pela desinência de pessoa marcada no verbo; e (iv) *sujeito indeterminado*, quando o Dizente apresentava, em sua construção, um verbo na 3ª pessoa do singular, acompanhado do pronome *se*. Classificamos os Processos nas categorias: (i) *Processo verbal não-modalizado*, quando o Processo apresentava-se no texto sem auxílio de nenhum verbo modalizador; e (ii) *Processo verbal modalizado*, quando o Processo era acompanhado de um verbo modal. As Verbiagens foram classificadas nas categorias: (i) *simples*, quando a Verbiagem se constituía como um Grupo Nominal; e (ii) *oracional*, quando a Verbiagem apresentava uma oração em sua composição, caracteristicamente iniciada com a conjunção *que*. E, classificamos as Verbiagens pelos tipos de discurso - direto e indireto. Todas estas categorias de Dizentes, Processos e Verbiagens (e tipos de discursos) foram dispostos em uma tabela, como exemplificamos na que segue, que padronizou toda a pesquisa, no que diz respeito à classificação desses participantes:

Tabela 01Componentes léxico-gramaticais do Processo *afirmar*.

Processo Afirmar	Dizente	Grupo nominal	A Gramática Normativa da Língua Portuguesa (Rocha Lima, 1998, p. 334)
		Grupo pronominal	
		Sujeito desinencial	
		Sujeito indeterminado	
	Processo	Processo verbal não modalizado	afirma
		Processo verbal modalizado	
	Verbiagem	Simplex	
		Oracional	que os clássicos não distinguem entre onde e aonde, e para tanto cita Camões...
	Discurso	Direto	
		Indireto	x

Nossa análise recaiu nos Processos Verbais *dizer* e *afirmar*, cuja escolha foi motivada, principalmente, pelo fato de que esses processos são considerados, pela LSF, como protótipos dos Processos Verbais que constituem o dizer, e também, mas não como critério definidor, pelo fato

de apresentarem uma frequência significativa nos artigos averiguados, ou seja, uma média de 75 ocorrências: *Dizer* teve 114 ocorrências e *afirmar*, 95.

Feita tal delimitação, aplicamos, aos artigos já convertidos ao formato *txt.*, o *software WordSmith Tools*. Esse aplicativo “permite [ao usuário] fazer análises baseadas na frequência e na coocorrência de palavras em corpora” (SARDINHA, 2009, p.08). Com ele foi possível localizarmos nos artigos todas as ocorrências dos Processos *dizer* e *afirmar*. Essa localização foi feita através da ferramenta *concord*, disponibilizada no *WordSmith Tools*. Essa ferramenta é responsável por produzir concordâncias, que “são listagens das ocorrências de um item específico (chamado de termo de busca ou nóculo, que pode ser formado por mais de uma palavra) acompanhado do texto ao seu redor (o co-texto)” (SARDINHA, 2009, p.83).

Aplicamos esse procedimento a todos os artigos que faziam parte de nosso *corpus*. Em seguida, copiamos o resultado apresentado pela ferramenta *concord* e colamos no *software Microsoft Office Word*, ao solicitarmos que os resultados fossem copiados, o *WordSmith Tools* apresentava-nos a opção de escolhermos a quantidade de caracteres que deveria ser copiada de cada resultado apresentado, assim sendo, escolhíamos 300 caracteres a serem copiados, tendo em vista que para que fossem analisadas as orações seria necessário os seus contextos, ou seja, não podíamos analisar a oração por si só, mas teríamos que observar as suas funções dentro do contexto mais imediato no artigo em que estavam inseridas.

Em seguida, passamos ao refinamento dos dados, para isso, excluímos todos os substantivos, os adjetivos, os Processos que não expressavam o dizer, ou seja, tudo aquilo que não correspondia aos Processos Verbais, pois o *concord* faz a busca nos artigos a partir da palavra digitada na página de busca. Uma vez que tínhamos como objetivo alcançar todas as formas verbais dos Processos selecionados, digitávamos apenas o radical de cada verbo seguido de um asterisco (*) que nos possibilitava ter acesso a todas as formas que possuíam o radical escrito. Por exemplo, ao solicitarmos que

o programa fizesse uma busca das ocorrências do Processo verbal *afirmar*, o programa nos apresentava tanto as formas verbais *afirmou*, *afirmava*, *afirma*, entre outras, como os nomes *afirmação*, *afirmado*, *afirmativo*, etc.

Cumprida tal etapa, passamos a analisar os dados obtidos, observando a quantidade de ocorrência dos Processos em todos os artigos pertencentes ao *corpus*, assim como o contexto em que esses Processos estavam envolvidos; para isso, buscamos o artigo científico a que cada oração pertencia e observávamos a sua configuração léxico-gramatical: participantes e processo, para na sequência analisar o papel desempenhado naquela porção textual e, conseqüentemente, dentro de todo o artigo.

Para que pudéssemos analisar quantitativamente os dados obtidos do *corpus*, construímos uma tabela com todas as ocorrências de cada Processo, distinguindo-os de acordo com os tipos léxico-gramaticais de seus participantes. Contabilizamos, então, quatro tipos de Dizentes: grupo nominal, grupo pronominal, sujeito desinencial, sujeito indeterminado; dois tipos de Processos: não modalizados e modalizados; dois tipos de Verbiagens: simples e oracional; e ainda dois tipos de discurso: direto e indireto. Isso permitiu a classificação e compreensão do uso dos Processos Verbais dizer e afirmar e de seus respectivos participantes.

Análise do corpus

A observação dos dados obtidos revelou que, apesar de serem dois diferentes Processos, os Processos Verbais *afirmar* e *dizer* apresentaram dados semelhantes nas categorias analisadas. Isso é, quando comparamos a quantidade de ocorrência de ambos os Processos, percebemos que eles apresentam semelhança, no que diz respeito à relação entre as categorias de cada participante analisado. Por exemplo, podemos ver que no Processo *dizer*, as categorias do participante Processo, *Processo verbal não-modalizado* e *Processo modalizado*, apresentam respectivamente 90 e 24 ocorrências,

assim como no Processo *afirmar* que apresentam 68 e 27 ocorrências e, assim, em ambos os Processos, o *Processo verbal não-modalizado* apresenta maior ocorrência que o *Processo modalizado*. O mesmo acontece nas demais categorias analisadas, exceto no participante *Dizente* que no *Processo dizer* apresenta maior índice de ocorrência na categoria *sujeito desinencial*, com 42 ocorrências e no *Processo afirmar* na categoria *grupo nominal*, com 52 ocorrências. Apresentamos esses dados detalhadamente na tabela 02.

Tabela 02

Quantificação das categorias *dizente* e *processo* dos Processos *dizer* e *afirmar*.

	Processos analisados na pesquisa	Dizer	Afirmar
Dizente	Grupo Nominal	40	52
	Grupo Pronominal	07	06
	Sujeito Desinencial	42	52
	Suj. indeterminado	25	07
Processo	Processo verbal não-modalizado	90	68
	Processo verbal modalizado	24	27

Analisando esses dados, podemos afirmar que os alunos de graduação dos cursos de Letras de todo o Brasil, que publicaram os artigos pertencentes ao nosso *corpus*, ao construírem a argumentação necessária em um artigo científico, utilizam, com grande frequência, os Dizentes enquanto *grupo nominal*, no qual predomina o nome dos autores utilizados em citações. Isso fica comprovado ao observarmos que, tanto no *Processo afirmar* quanto no *Processo dizer*, se sobressai o uso desse tipo de Dizente, em relação aos demais, apesar do fato de que no *Processo verbal dizer*

a categoria *sujeito desinencial* apresente uma diferença de apenas duas ocorrências para mais, em relação à categoria *grupo nominal*.

Os seguintes exemplos indicam como foi utilizada a categoria *grupo nominal* em alguns dos artigos analisados. Em ambos os exemplos, podemos perceber que os alunos de graduação, ao escreverem um artigo científico, buscam vozes externas, a fim de que elas corroborem o que é dito.

Exemplo 08

Aragão (apud Samuel, 1984:86) chega a afirmar que, no Brasil, devido à agilidade de sua leitura, “pode-se considerar o conto como a mais promissora forma (...) da arte literária narrativa”. (Art. 12 - Vol. 01)

Exemplo 09

Vinay (1968:744) diz que “de science ou de technique, elle devient un art.”. (Art. 07- Vol. 01)

Quanto aos Dizentes construídos como *sujeito desinencial*, em sua maioria eles apresentavam como desinência o pronome *nós*, assim como nos Dizentes enquanto *grupo pronominal* (contudo, nesta categoria, o pronome aparecia de forma explícita no texto). Esse pronome introduzia nos artigos as vozes de seus escritores. Analisando as suas ocorrências, podemos perceber que os autores, ao utilizá-lo, na maioria das vezes, recorriam a uma proposição anteriormente feita e ao modalizador poder, utilizando para isso expressões como: assim, podemos dizer; por isso podemos afirmar; desta forma, podemos dizer que. Como pode ser visto nestes exemplos:

Exemplo 10

É neste sentido que *afirmamos* que o objeto perdido em Pedra do Sono é a palavra. (Art. 31 - Vol. 02)

Exemplo II

Com base nisto, *podemos dizer* que na relação com o mundo, a língua não se apresenta como espelho da realidade [...]. (Art. 49 - Vol. 02)

Com esses usos, percebemos que os graduandos parecem, ainda, não possuir argumentos próprios ou segurança suficiente para que possam introduzir, de maneira direta, seus argumentos, buscando respaldo em autoridades externas e na modalização dos Processos Verbais quando enunciam sua própria voz.

As diferentes categorias de Dizente nos fizeram perceber a importância das diferentes vozes no texto, pois elas enriquecem a elaboração do artigo, de maneira que já não temos apenas a voz de quem escreve esse artigo, mas também as vozes de autores diversos, de um personagem pertencente a uma obra analisada, de um poeta cujo poema está sendo estudado, de uma pessoa que foi entrevistada e que teve a sua fala como fonte de pesquisa etc. A argumentação pretendida se fortalece com estas vozes *alheias*.

As Verbiagens, nos artigos analisados, apresentaram predominância na categoria *oracional*, uma vez que para ratificar uma opinião, corroborar um pensamento ou definição, se faz necessário, o recorte de fragmentos do discurso do outro, razão pela qual as *verbiagens oracionais* prevalecem em detrimento das *verbiagens simples*. A tabela 03 apresenta a quantificação das ocorrências dos dois tipos de verbiagem, *simples* e *oracional*, nos artigos analisados.

Tabela 03

Quantificação da categoria *verbiagem* dos Processos *dizer* e *afirmar*.

Processos analisados na pesquisa	Verbiagem	
	Simplex	Oracional
Dizer	14	100
Afirmar	38	57

Os exemplos 12 e 13, que seguem, servem para mostrar essas categorias de *verbiagem*. O primeiro se caracteriza como *verbiagem oracional* e o segundo como *verbiagem simplex*. No exemplo 12, a autora explica o termo *análise* empregado em uma citação feita em seu artigo. Nessa explicação, utiliza suas próprias palavras para esclarecer um termo utilizado por outrem. Para isso, utilizam uma *verbiagem oracional*. O exemplo 13 faz referência a uma análise que está sendo feita pelos autores do artigo em questão. Nele, a autora chega a uma determinada conclusão, tendo por base a fala de professoras entrevistadas. Para expor a conclusão feita, é utilizado, em uma oração simplex, parte da fala de uma dessas entrevistadas. Com isso, percebemos que essa *verbiagem simplex* foi resultado da interação da voz daquela que escreve com a voz da pessoa entrevistada.

Exemplo 12

Diz-se *análise* porque o estudo de caso deve ir além de uma mera observação. (Art. 80 - Vol. 3.2)

Exemplo 13

P2 também se refere a isso ao afirmar a necessidade de um “espaço”. (Art. 78 - Vol. 3.2)

A análise dessas vozes introduzidas pelos Processos Verbais, *dizer* e *afirmar*, nos fez perceber o quanto os elementos que se associam a estes processos estão interligados, pois ao mesmo tempo em que observamos quem diz alguma coisa, o Dizente, observamos também o que é dito, a Verbiagem, o que significa que não podemos olhar apenas para quem disse, mas também para o que é dito, pois eles complementam-se um ao outro. Podemos dizer ainda que ambos os componentes analisados nas orações são responsáveis por construir a argumentação característica do gênero textual artigo acadêmico, como mostraremos na conclusão desse artigo.

Conclusões

A análise efetivada com os processos prototípicos do dizer – *afirmar* e *dizer* – nos permite concluir que os Processos Verbais, nos artigos científicos escritos por estudantes da graduação em Letras de todo o Brasil, e publicados na revista *Ao pé da letra*, são responsáveis por corroborar a argumentação dos seus autores, ao introduzirem conceitos que serviram de base a essa argumentação. E, confirmam, através de citações, o que é apresentado e discutido nos artigos. Estão presentes em toda a constituição destes, pois foram encontrados na introdução, na fundamentação teórica, na análise do *corpus* e em sua conclusão.

Na introdução, assim como na fundamentação teórica, os Processos Verbais são usados como introdutores de conceitos ditos por autores que possuem autoridade no assunto abordado, isto é, essas vozes de autoridades funcionam como suporte para a análise a ser apresentada, assim como para fundamentar uma conclusão feita. Também nas análises feitas pelos graduandos em seus artigos, os Processos Verbais foram utilizados para introduzir a voz daquele que escreve. Na conclusão, os Processos Verbais confirmam, através da introdução de citações, as conclusões obtidas pelos alunos.

Ao fim deste trabalho, podemos afirmar que nossos resultados nos impelem a dizer que na escrita dos graduandos, os Processos Verbais investigados constituem-se em uma ferramenta de apoio de relevante papel na significação global do gênero artigo científico. Outras pesquisas, em outros *corpora*, podem reafirmar essa asserção e fornecer observações mais precisas e generalizantes.

Referências bibliográficas

- BARBARA, Leila; MACÊDO, Célia. (2009). Linguística Sistêmico-Funcional para a Análise de discurso: um Panorama Histórico. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*. Brasília, v. 10, n. 1, p. 89-107.
- BUTT, David et. al. (2001). *Using Functional Grammar: an Explorer's Guide*. Sydney, Macquarie University.
- EGGINS, Suzanne (1995). *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. London, Pinter Publishers.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angelica; SOUZA, Medianeira (2007). *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro, Lucerna.
- GHIO, Elsa; FERNANDEZ, María Delia (2008). *Linguística sistêmico-funcional: aplicaciones a la lengua espanola*. Santa Fé, Wladhurter Editores.
- GOUVEIA, Carlos (2009). Texto e gramática: uma introdução a linguística sistêmico-funcional. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 13-47.
- HALLIDAY, Michael; MARTTHIESSEM, Christian (2004). *Introduction to Functional Grammar*. 3. ed. London, Arnold.
- HOFFNAGEL, Judith (2009). Prática de citação em trabalhos acadêmicos. *Cadernos de linguagem e sociedade*, Brasília, v. 10, n. 1, p. 71-104.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio (2007). *A ação dos verbos introdutores de opinião*. In: _____. Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas. Rio de Janeiro, Lucerna.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio (2002). *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, Angela; MACHADO, Anna; BEZERRA, Maria. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro, Lucerna.

MARQUES DE MELO, José (1994). *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2. ed. Petrópolis, Vozes.

SARDINHA, Tony Beber (2009). *Pesquisa em linguística de corpus com WordSmith Tools*. São Paulo, Mercado de Letras.

SOUZA, Medianeira (2006). *Transitividade e construção de sentido no gênero editorial*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.